



ISSN: 2176-5960  
Προμηθεύς  
Journal of Philosophy

n. 47 Janeiro- Abril de 2025



## **DOSSIÊ: FASCISMOS. PSICOLOGIA DAS MASSAS. DEMOCRACIA**

### **Apresentação**

Na entrada da Universidade Federal de Sergipe, próximo ao terminal de ônibus, há uma espécie de encruzilhada e, até o ano passado, havia um bar onde jovens se reuniam para conversar animadamente. O “bar do china” era um ponto de encontro de amigos e, no local, circulavam professores e alunos de direita, de centro e de esquerda. Em suas mesas simples, mas cheias de entusiasmo, se misturavam liberais, anarquistas, comunistas e bêbados de todos os níveis étlicos. Infelizmente, o bar não existe mais. Mas foi ali, no início de janeiro de 2017, após o encerramento de mais um semestre, que, por obra do acaso, os professores Antonio Pereira (DFL-UFS), Sandra Oliveira (DPS-UFS), Matheus Hidalgo (DFL-UFS) e a psicanalista Michelle Wendling se encontraram.

Era uma linda tarde de verão e, com as férias escolares, o bar estava completamente vazio: surpreendentemente, era possível conversar de forma civilizada. Entre um copo de cerveja e outro, movidos pela alegria daquele bom encontro, os professores tiveram a ideia de criar um grupo informal de estudos e pensaram, logo de cara, em um evento a ser realizado na cidade do Rio de Janeiro, nas dependências da UERJ, onde Wendling atuava como professora do Instituto de Psicologia. Dito e Feito: em fevereiro de 2017, pouco antes dos festejos carnavalescos, realizou-se o “P@po. psicologia. alteridade e política”, colóquio que contou com apoio do PPGF-UFS e financiamento da Capes.

Esse evento foi o embrião de um grupo que mais tarde se reuniria na UFS e que incluía, inicialmente, os professores Geraldo Campos (DRI-UFS), Romero Venâncio (DFL-UFS), Matheus Hidalgo (DFL -UFS), Mariana Lins Costa (UECE), Antonio Pereira (DFL-UFS) e Sandra Oliveira (DPS-UFS). O grupo era bastante diversificado,

sendo que cada professor e cada professora conduzia pesquisas em seus respectivos grupos de trabalho, seja no departamento de filosofia, como era o caso de Antonio Pereira, que atuava junto ao Grupo de Ética e Filosofia Política, coordenado pelo professor Antonio Carlos dos Santos, seja no departamento de psicologia, como era o caso de Sandra Oliveira, pesquisadora do GEPEC (Grupo de estudos de pesquisas sobre exclusão, cidadania e direitos humanos), seja no departamento de Relações Internacionais, onde Geraldo Campos coordenava o recém criado CEAI ( Centro de Estudos Árabes e Islâmicos).

Mas não se tratava apenas de um grupo de professores; ao contrário, a maioria era composta por estudantes de graduação em filosofia, psicologia e relações internacionais, como Galileu Santana; profissionais da saúde mental, como Laís Alves, além de alunos e alunas da pós-graduação, como Daniel Christian, Ahmed El Zoghbi, Edilene Nunes, Juliana Almeida, Laura Santos e Renata Dias Ribeiro, dentre outras pessoas que realizavam e ainda realizam pesquisas de mestrado ou doutorado junto ao PPGF, como Renata Ribeiro e Laura Santos, coorganizadoras deste dossiê.

Desde 2018, enquanto os extremistas de direita avançavam no país, esse grupo, composto por pesquisadores de áreas distintas, percebeu a afinidade entre suas pesquisas e a necessidade de entender o que estava ocorrendo no Brasil. Assim, engajando-se na urgência do momento, nos reuníamos semanalmente para estudar o assunto “Psicologia das Massas e Fascismo”, mapeando, de início, uma vasta bibliografia e nos dedicando à leitura dos textos de Le Bon, Freud, Adorno, Reich, Foucault, Deleuze e Guattari, dentre outros. Após dois anos de trabalho intenso, para encerrar um primeiro ciclo de leitura, no dia 13 de março de 2020, o grupo realizou a jornada *Fascismos, Psicologia das massas e Religião*, na qual seus membros expuseram os resultados preliminares de suas pesquisas sobre o tema. A conferência de encerramento coube a Vladimir Safatle e trazia o seguinte título: *O fascismo brasileiro e sua matriz econômica: necropolítica e neoliberalismo*. Curiosamente, no dia seguinte à palestra de Safatle, em função da pandemia de Covid-19, foram implementadas medidas de distanciamento social em todo o país.

O grupo viveu um dilema: prosseguir ou não com as leituras durante a pandemia? Infelizmente, alguns colegas, devido a outras demandas, não puderam continuar conosco, mas, apesar das dificuldades daquele período, nos mantivemos firmes. Assim, ainda em 2020, realizamos, durante o primeiro semestre, o *Ciclo de Estudos de o Anti-Édipo – Capitalismo e esquizofrenia*, de Deleuze e Guattari, evento no qual contamos com a

colaboração, dentre outros, do professor Maurício Rocha (PUC-RJ) e da professora Viviane Ribeiro (PUC-RJ). Além disso, por iniciativa de Mariana Lins, que à época era professora-bolsista do PPGF, foi realizada a produção do livro *Entre o Mito e a Política* (2020), no qual colaboraram alguns integrantes do grupo. Na ocasião de lançamento desta obra, também sob a coordenação da professora Lins, organizou-se um ciclo de debate *online*, de 11 a 18 de maio de 2020, com apoio do DFL, do PPGF e da *Rede brasileira de mulheres filósofas*. A mesa de encerramento do evento intitulada “Crise do neoliberalismo na América latina: pandemia, religião e impasse político”, contou com os professores Bruno Nadai (UFABC), Antonio Pereira (UFS) e Mariana Gainza, professora da Universidade de Buenos Aires (UBA), que, a partir de então, tem sido uma de nossas colaboradoras, trazendo um olhar agudo sobre o tema, enriquecendo e ampliando o debate a partir da Argentina.

Paralelamente ao trabalho que vínhamos realizando, foi uma grata surpresa perceber que o professor Leomir Cardoso Hilário (DPS-UFS), junto ao *Grupo Kritica.Crise*, conduzido por ele, estava já há algum tempo se ocupando com a mesma temática. Era inevitável realizar ações conjuntas. Ao menos desde de 2020, o professor Leomir vem realizando uma série de eventos, como seus *Diálogos Interdepartamentais: teoria crítica na periferia*, contando frequentemente com a colaboração da pesquisadora Renata Ribeiro, como nos eventos: *Psicologia das Massas do Bolsonarismo* (2020) e *O fascismo em nós: afetos, subjetividade e política* (2023). Ribeiro também foi responsável pela condução do Simpósio *Psicologia das Massas e o fascismo de ontem e de hoje*, realizado durante a *XXIV Semana de Filosofia da UFS* (2023) e que contou com palestras dos professores Antonio Pereira, Leomir Hilário e Matheus Hidalgo. Portanto, ao menos desde 2017/2018, temos nos empenhado em estudar o assunto abordado neste dossiê, seja através de pesquisas individuais e orientações, seja através de colaborações interdepartamentais, contando com apoio da UFS e de outras instituições do Brasil e do exterior.

A maioria dos artigos que compõem o dossiê foram concebidos ao longo desse período e são uma pequena amostra da relevância de um tema ou conjunto de temas que se entrelaçam e cuja complexidade suscita diferentes formas de abordagem. Deste modo, no artigo intitulado *Le Bon e Mussolini: propaganda fascista e religião*, Antonio Pereira, busca mostrar em que sentido o fascismo pode ser visto como uma forma de “religião” e qual a função da propaganda no âmbito deste movimento e das formas atuais do

radicalismo de direita. O artigo se inicia com uma discussão do significado da palavra “fascismo”, seja no sentido das formas de atuação contemporâneas que se cruzam com o neoliberalismo, seja no que se refere ao assim chamado “fascismo histórico” de Mussolini e Hitler. Além disso, Pereira apresenta, de forma sucinta, a abordagem que Theodor Adorno realiza da obra de Freud e Le Bon no que concerne a relação entre psicologia de massa e propaganda e, por fim, examina a influência decisiva que o autor da *Psicologia das multidões* exerceu sobre o ditador italiano.

No artigo seguinte, de Renata Ribeiro, intitulado *Atenção expectante como dispositivo de mobilização das massas: notas sobre a multidão eleitoral de Gustave Le Bon*, a autora busca analisar o conceito de "multidão eleitoral" a partir da obra *Psicologia das Multidões*, tendo como foco principal a compreensão da dinâmica dos afetos que mobiliza a ação das massas. O artigo destaca a noção de “atenção expectante” como um aspecto central para se entender a lógica de funcionamento das campanhas políticas nas democracias liberais modernas, assunto negligenciado nas interpretações correntes da obra de Le Bon. Neste sentido, Ribeiro defende que esse conceito constitui o verdadeiro nexos entre os fatores psicológicos primitivos e a técnica de propaganda aplicada pelo líder no processo de condução das massas.

Mariana Lins Costa, atualmente professora da UECE, no artigo intitulado *O fascismo e a insaciada ânsia pelo pai*, irá revisitar a obra freudiana, com destaque para uma análise dos textos *Psicologia das massas e análise do Eu* e *Totem e Tabu*. Com base na leitura destas obras, especialmente a partir da hipótese freudiana da horda primordial, a filósofa avalia a interpretação de Adorno acerca do freudismo e esboça uma compreensão do fascismo distinta da defendida pelo teórico da Escola de Frankfurt. Seu argumento é que o autoritarismo não se apresenta como uma anomalia histórica ou uma patologia social localizada, mas como um traço originário e constitutivo da cultura e da psique humana — um legado filogenético que teria moldado a passagem do animal ao humano e que se repete ontogeneticamente. Assim, ao tensionar as hipóteses de Freud e Adorno, a autora propõe que o fascismo deve ser pensado não como uma anomalia produzida pelo capitalismo, mas como um destino atemporal atualizado, a saber: a restauração psíquica de um pai aniquilado pelo parricídio — um retorno da horda sob novas formas e, nesse sentido, sua leitura se diferencia da abordagem de Safatle.

Em sua colaboração para o dossiê, no artigo intitulado *O triunfo da intransigência: Olavo de carvalho e o conservadorismo cultural brasileiro*, o professor

Leomir Cardoso Hilário nos convida a refletir sobre o conservadorismo do ideólogo de extrema direita, cuja obra alimenta o conservadorismo brasileiro. No artigo, Leomir refaz o percurso de Olavo de Carvalho e destaca seu deslocamento, de palestrante e agitador cultural, para o centro da política brasileira, ou seja, Hilário reconstitui a gênese do “olavismo” e mostra como seu conservadorismo tornou-se influente na agenda nacional e internacional brasileira por meio de seus ex-alunos que ocuparam cargos importantes. Como compreender o pensamento de Olavo? Como lidar com o seu legado? O que ele trouxe de novo? No que reside a força que garantiu permanência de suas posições que atravessaram décadas? Eis algumas das questões que o artigo nos leva a refletir.

Em seu estudo intitulado *Apontamentos para uma compreensão da democracia segundo Chantal Mouffe*, Laura Santos, que realizou parte de sua pesquisa na Universidade de Westminster, no Reino Unido, com financiamento da Capes, se debruça sobre a noção de democracia segundo a pensadora belga. De forma introdutória, o artigo apresenta noções fundamentais para a compreensão da noção de democracia em Chantal Mouffe, tais como: antiessencialismo, hegemonia, antagonismo, a distinção entre *o político* e *a política*, a crítica às teorias do consenso e, por fim, a dinâmica afetiva. Mas o artigo não se detém aí. A pesquisadora do PPGF-UFS, nos mostra como Mouffe se afasta dos teóricos e atores políticos, como Habermas, que concebem a política como um espaço de deliberação puramente racional, ou seja, nos mostra como a política, na concepção de Mouffe, é inseparável do campo do imaginário social e dos afetos. O que levanta reflexões muito atuais a respeito de como se desenrola o conflito do “nós” contra o “eles” no cenário contemporâneo. Por fim, ao pensar o papel da “liderança não fascista” frente à “liderança fascista”, o artigo vai ao concreto e nos apresenta dois exemplos iluminadores, vale dizer, a ascensão da extrema-direita nos Estados Unidos e a reeleição de Trump, de um lado, e, de outro lado, o surgimento de lideranças articuladoras de demandas no campo da esquerda, como a deputada Erika Hilton, no caso brasileiro.

Essa descida rumo ao concreto, que aparece ao final do artigo de Laura Santos, e que contrasta com uma noção meramente abstrata de filosofia, se complementam neste dossiê no artigo intitulado *Do embranquecimento como projeto de saúde: atualizações pastorais-coloniais em práticas de atenção psicossocial*. O artigo é fruto da colaboração de um conjunto de pesquisadoras, dentre as quais a professora Sandra Oliveira, que, desde o início do nosso grupo, tem sido fundamental para promover o diálogo entre a filosofia e a psicologia social. O artigo se debruça sobre como a fragilidade na formação, aliada a

uma visão estreita, fortemente influenciada pelo pastorado, tem afetado a atuação dos profissionais de saúde no contexto que nos cerca e, demonstra, como a branquitude, a moralidade religiosa, especificamente cristã, articulada à moral do cidadão de bem, tem levado os profissionais de saúde a negligenciar outros modos de vida. Frente a isso, as autoras orientam para a necessidade de desinstitucionalização como uma forma de transvalorização da moral nesses tempos difíceis, na qual se faz necessário ouvir outras vozes, alinhando-se, assim, à luta feminista e antirracista.

Avançando para uma análise igualmente concreta e apresentando uma perspectiva à qual o leitor brasileiro dificilmente teria acesso, o artigo *Colonial Path Dependencies, Elite Persistence and (Un)Democratic Outcomes in the Philippines*, de Johan Dzulkifli, pesquisador do Instituto Universitário de Lisboa – Portugal, e Margaret Go, pesquisadora da Universidade de Westminster – Reino Unido, merece destaque: ambos são filipinos e assinam um precioso trabalho sobre o legado colonial nas Filipinas e suas consequências para a democracia. Na realidade, os autores expõem os fatores que levaram à ausência de democracia e à perpetuação de regimes autoritários. A ideia central é a de que, até o presente momento, a democracia, naquele país, jamais se consolidou. Contrariando a expectativa de alguns teóricos do Consenso de Washington, a história linear de transição necessária à democracia não se verificou no corpo social filipino. Segundo os autores, a teoria da “tábula rasa”, que pressupõe uma relação linear entre modernidade e democracia, está longe de se aplicar à realidade do país, cuja trajetória se aproxima mais da expressão cunhada por Benedict Anderson: “cacique democracy”. Este autor descreveu a democracia filipina como uma mescla de participação popular com controle feudal dinástico. Assim, os autores concluem que o autoritarismo e o clientelismo enraizados durante o período colonial moldaram um padrão de dominância da elite que persiste até hoje.

Por fim, o dossiê se encerra com o artigo de Mariana Gainza, filósofa e socióloga Argentina, que nos apresenta seu texto intitulado *Formas actuales de la destrucción*. Fizemos questão de manter a língua original em que este ensaio foi escrito para conservar a contundência e o estilo desta autora e, assim, nos colocarmos à escuta de maneira solidária. Mariana Gainza reflete de modo agudo sobre a situação atual do seu país, hoje governado por aquele que se auto intitula “o primeiro presidente anarcocapitalista da história da humanidade”. A filósofa elucida as consequências terríveis de tentar pôr em prática essa utopia devastadora, que almeja realizar a ideia libertária cujo propósito é

defender a erradicação de toda intervenção estatal com a pretensão de dar lugar a uma sociedade autoregulada e próspera, livre de impostos e de penúria. Isso é só um lado desta moeda *fake*, o outro lado revela as verdadeiras intenções de *gangsters* que se apropriam do aparato estatal para aplicar golpes financeiros, como ficou claro em caso recente envolvendo o próprio Milei. Este líder de extrema direita, juntamente com seu séquito de canibais, efetiva novos ritos sacrificiais nesta era de neoliberalismo de teor fascista. Tais ritos, porém, segundo a autora, diferem daqueles descritos na hipótese antropológica de Freud, que concebe os antigos rituais de sacrifício como forma de comunicar a vida o que, substancialmente, difere deste ritual de morte promovido pela “*máquina de destrucción que gobierna el mundo*”.

Por fim, resta dizer que o organizador e as organizadoras deste dossiê agradecem aos autores, ao mesmo tempo que convidam os leitores a conferir cada contribuição aqui registrada como uma forma pensar e promover formas de vida não fascistas. Agradecemos à Capes e as demais instituições envolvidas pelo apoio financeiro que tornaram possíveis intercâmbios e a realização de alguns eventos aqui citados. Também não poderíamos deixar de agradecer ao Dr. Marcos Ribeiro Balieiro, editor desta revista, por sua paciência, companheirismo e generosidade.

Antonio José Pereira Filho  
Laura Daniele Lima Santos  
Renata Dias Ribeiro  
(organizadores)